

Aos 66 anos, ele deixa centenas de músicas, vários livros e a vida que se torna lenda

Vinícius de Moraes morre no Rio

ISA CAMBARÁ

RIO (Sucursal) — "Adeus, vou pra não voltar/E onde quer que eu vá/Sei que vou sozinho..." Ao som de "Pra Dizer Adeus" — música sua e de Edu Lobo — cantada por centenas de pessoas, Vinícius de Moraes foi enterrado no final da tarde de ontem, no cemitério São João Batista. "Garota de Ipanema", "Se Todos Fossem Iguais a Você" e "A Felicidade" também foram cantadas pelo coro anônimo, mas que incluía vozes famosas como as de Clara Nunes, Carlos Lira, Ellis Regina, Gonzaguinha e Sérgio Ricardo. Vinícius morreu na manhã de ontem, vítima de edema pulmonar, depois de passar a noite compondo com Toquinho, na sua casa, na Gávea.

O enterro provou o quanto o poeta era querido: personagens de vidas e idéias tão diferentes como a "dondoca" Odile Marinho, ex-Rubrosa, e o poeta Carlos Drummond de Andrade foram ao cemitério. A presença de Drummond surpreendeu a todos, pois ele nunca vai a lugares de muita concentração. Ontem, visivelmente triste, com a barba por fazer, o poeta quebrou outro de seus tabus: falou à imprensa. A todos que lhe perguntavam sobre Vinícius, ele não hesitava em responder.

"Foi um poeta total, pois fez versos, escreveu música e viveu a vida de poeta. Conseguir popularizar a poesia escrita, a poesia erudita. Nenhum outro poeta brasileiro — e aí me incluo — conseguiu tanto. Eu amava Vinícius. Eramos grandes amigos, embora não nos encontrássemos muito. Às vezes, nos falávamos por telefone. Mas eu sabia que ele também me amava e por isso sempre achei natural que não nos víssemos sempre. Vinícius não teve uma vida regulamentada por padrões burgueses. Não se pode cobrar dele atitudes formais. Para mim, o grande mérito de Vinícius foi conseguir conciliar a poesia erudita com a música popular. Ele sentiu que esse era o caminho para tirar a poesia do gabinete, do laboratório."

Toquinho, último parceiro de Vinícius, lembrava que sua morte foi surpreendente para quem vinha privando de sua intimidade. Recuperado dos problemas circulatórios, que o obrigaram a fazer uma operação há cerca de dois meses, o poeta vinha seguindo uma dieta alimentar rigorosa — tinha deixado completamente a bebida — e parecia ótimo. Na noite de terça-feira, ele estava tão bem que propôs a Toquinho que trabalhassem em cima das músicas infantis, que estava compondo para um disco que seria gravado por vários intérpretes.

"Como sempre, ele entusiasmou-se com o trabalho e acabamos parando só de madrugada. Às sete horas, a empregada me acordou (Toquinho está hospedado na casa de Vinícius, no momento), dizendo que ele estava passando mal. Chamamos a ambulância, que demorou uma hora e vinte minutos para chegar. Ele não resistiu ao edema pulmonar."

Segundo Toquinho, Vinícius vinha seguindo um ritmo de vida normal. Na última sexta-feira, por exemplo, ele fez questão de ir à estréia do "show" "Toquinho, Francis Hime e Maria Creuza. No domingo, repetiu a dose, pois tinha gostado muito do espetáculo e não demonstrou qualquer tristeza pelo fato de não poder participar do "show" de Toquinho, este ano. Ao contrário, incentivou Francis Hime, ao máximo.

"Vinícius estava sempre alegre. Às vezes, parecia que ele era o jovem e eu, o mais velho. Ele foi, durante o tempo que durou nossa parceria, o "hippie" da relação. Ele era o cara que não respeitava regras, na vida nem no palco. Viveu intensamente. Eu sempre mais "careta". Talvez por isso, nunca tenha sentido a diferença de idade que havia entre nós."

Gláuber Rocha e Néilson Pereira dos Santos também foram ao enterro. Para Gláuber, Vinícius não só revolucionou a poesia, como a música, o teatro e os costumes.

"Ele colocou o sexo na poesia; ignorou a moral burguesa e nos deixou "Orfeu da Conceição", que, infelizmente, nunca teve uma montagem boa, no Brasil. Com "Orfeu" ele criou uma revolução porque valorizou o negro com o personagem, o que, até então, era inédito na dramaturgia brasileira. Vinícius era um personagem internacional, que recebeu e exerceu influências externas. Além disso, teve a grandeza de não entrar para a Academia Brasileira de Letras. Infelizmente, foi vítima da ditadura, que o aposentou da carreira diplomática. Mas ele merecia ser santificado, pois levou uma vida perfeita."

O Itamarati, aliás, não se fez representar no enterro de Vinícius, ex-diplomata de concurso. Tal fato causou estranheza, já que o poeta foi beneficiado pela anistia, embora não pudesse retornar à carreira por causa da idade (66 anos) e, principalmente, segundo os amigos, por falta de interesse. Vinícius achava essa fase de sua vida completamente ultrapassada.

Além da massa que foi ao cemitério, centenas de coroas foram enviadas: de Maria Betânia aos proprietários e garçons do "Antonlo's" — o bar que ele tornou famoso por frequentá-lo sempre — passando por Helô Pinheiro, a moça em quem ele se inspirou para compor "Garota de Ipanema", que não quis fazer declarações.

Márcia Rodrigues, a "Garota de Ipanema" no cinema não compareceu ao enterro. Na verdade, praticamente toda a área cultural carioca esteve presente. Chico Buarque de Holanda, Edu Lobo,



"Vinícius de Moraes, poeta e diplomata, o branco mais preto do Brasil, descendente direto da linha de Xangô", morre aos 66 anos de idade.

Fafá de Belém, Francis Hime, Milton Nascimento, Carlinhos Lira eram alguns dos nomes ligados à música presentes. Na área teatral, Tônia Carrero, Diná Sfat, Rosa Thomas Lopes, Célia Biar, Camila Amado, Roberto Bonfim, Pedro Bloch e Guilherme Figueiredo, Drummond, Antonio Callado, Ferreira Gullar, Oto Lara Rezende, Alphonsus Guimarães Filho eram alguns dos que representavam as letras.

Carlinhos Lira, a quem Vinícius também chamava de "parceirinho", lembrava que procurou Vinícius em 1961 para propor a parceria, que acabou ficando famosa através de músicas como "Minha Namorada", "Primavera" e "Marcha da Quarta-Feira de Cinzas". Para Lira, Vinícius foi o maior letrista brasileiro de todos os tempos.

"Ele tinha um dom, que só Caetano Veloso tem: era um letrista extremamente musical, por isso, todos os seus parceiros chegaram ao auge da carreira com ele. Nossa parceria, na verdade, acabou pois compusemos, embora esporadicamente, até o fim. Fizemos cerca de cem músicas, a maioria ainda inédita. Como pessoa, era um ser extremamente amoroso, era uma mãe. Tinha um grande poder unificador; daí ter unido os melhores nomes da música brasileira. Esse tipo de pessoa, quando morre, não deixa só uma parceria, mas uma porção de órfãos. Eu, Toquinho, Baden, Francis, Edu estamos, hoje, nessa condição. E, no momento, só posso me lembrar de duas frases suas. Uma é o conselho que costumava me dar, quando eu era muito jovem: "Nunca tenha medo da vida." A outra está na "Marcha da Quarta-Feira de Cinzas": "Mais que nunca, é preciso cantar."

Outro parceiro de Vinícius, Ferreira Gullar, contava que sua parceria com o poeta começou em Buenos Aires, na época em que Gullar estava exilado e acabou no livro "Rio de Janeiro", editado em 1976. O livro, escrito no hotel em que Vinícius costumava se hospedar quando estava em Buenos Aires, foi escrito a quatro mãos, sem muito planejamento.

"Com Vinícius era assim, o texto ia saindo, cada um fazia uma parte. Ele nunca se prendeu a regras estabelecidas e muita gente o criticou quando ele tirou a gravata da poesia e saiu por aí, cantando de pés descalços. Mas foi, sem dúvida, o poeta que conseguiu popularizar a poesia moderna brasileira, pois não satisfeito em simplificá-la, passou-a para a música."

Tônia Carrero dizia que Vinícius, como todo artista, era um ser além de sua época e por isso foi muitas vezes classificado de controverso.

"Mas ele foi, simplesmente, um homem que arreagou as mangas e caiu na gandaia. Saiu do livro para cair na boca do povo, o que eu acho ótimo. O maior elogio que se pode fazer a ele é dizer que foi um poeta. Para mim, Vinícius era um personagem típico de tragédia grega. Com sua morte, foi-se uma parte da minha adolescência."

Ao enterro do poeta, compareceram seus cinco filhos: Susana, Pedro, Georgina, Luclana e Maria, esta de apenas nove anos. Comentava-se a ausência de suas ex-mulheres. Vinícius teria se casado nove vezes, segundo previsões de amigos. Não se sabe se o número é certo. Mas o fato é que o poeta amou muito e foi muito amado, como ele mesmo declarou num depoimento relembrado ontem por uma emissora de rádio carioca: "Indiscutivelmente, aprendi muito mais com as mulheres do que com os homens; não poderia deixar de amá-las."

Roteiro lírico do poeta

Marcus Vinícius Cruz de Melo Moraes, que todo mundo conhece apenas como Vinícius de Moraes, nasceu no Rio de Janeiro a 19 de outubro de 1913, "durante uma madrugada de tempestade", de acordo com o que lhe contaram. Sua mãe, Lidia Cruz de Moraes, tinha então 16 anos, e o pai, Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, fora professor da mulher antes de casarem.

Os primeiros anos de sua infância, que ele sempre recordou como muito feliz, passaram-se numa grande chácara na Gávea, pertencente ao avô materno, onde havia até um pequeno rio que corria nos fundos do terreno. Em 1922, quando sua família se mudou para a Ilha do Governador, por causa da saúde da mãe, Vinícius ficou morando em Botafogo com os avós paternos para seguir seus estudos, mas passava os fins de semana e as férias na ilha. E dessa época sua primeira namorada (Marina), que ele relembrou mais tarde numa poesia. Seria o início de uma longa série de amores, pois foi casado por nove vezes.

Em 1924 ele passa a frequentar o Colégio Santo Inácio dos jesuítas, importante em sua formação cultural. Desperta, ao mesmo tempo, seu gosto pela poesia. Sua primeira influência nesse campo, segundo o próprio Vinícius, foi a do seu pai, "um poeta pós-romântico com algumas tendências simbolistas", de quem ele chegou a roubar um poema, para dar de presente a uma namorada. "Era uma 'égloga' — relembrou depois Vinícius em uma entrevista — e ela não entendeu nada, o furto redundou em fracasso". Depois, ele passou a escrever seus próprios poemas, que copiava num caderno preto, que chamava misteriosamente de "arca da fé".

Não foi só a tendência para a poesia que surgiu cedo, mas também a sua ligação com a música popular, pois aos 15 anos formou junto com os irmãos Paulo e Haroldo Tapajós um conjunto que tocava em festinhas familiares. E com eles compôs o foxtrote "Loura ou morena", que seria gravado em 1932.

A seguir, como tantos outros em sua época, Vinícius cursou a Faculdade de Direito, na qual se formou em 1933, embora não tivesse a menor vocação para a carreira. Foi durante essa época que entrou em contato com o grupo intelectual liderado pelo escritor católico Otávio de Faria, que iria influenciar o começo de sua carreira literária. Graças a ele, publicou em outubro de 1932 seu primeiro poema ("A transfiguração da montanha") na revista "A Ordem", editada por Tristão de Athayde (cunhado de Otávio). No ano seguinte, surge seu primeiro livro, "Caminho para a distância", contendo 40 poemas em que predomina a preocupação mística de fundo religioso e que teve uma boa acolhida por parte de críticos influentes na época, como João Ribeiro.

Em 1935, Vinícius obtém seu primeiro emprego, passando a trabalhar como censor cinematográfico. Segundo suas próprias palavras, "nunca cortei uma cena sequer, liberava tudo". Nasceu nessa época seu interesse pelo cinema, que perdurou por muitos anos. Também em 1935, publica seu segundo livro de poemas "Forma e exegese". Em 1936, o terceiro, "Ariana, a mulher", que marca uma profunda revolução temática em relação aos anteriores, centrando-se naquele que seria o seu tema preferido até o fim da vida: o amor e a mulher.

Em 1938, obtém uma bolsa de estudos para a Inglaterra, onde faz um curso de literatura na Universidade de Oxford e entra em contato mais íntimo com os poetas ingleses, que segundo ele, o ajudaram a se tornar "mais conciso e mais enxuto" em seus próprios poemas, o que pode ser constatado em seu terceiro livro, "Novos poemas". Casou-se nessa época com sua primeira mulher, Tati de Moraes, e o casal, surpreendido em Paris pela deflagração da guerra, vai para Lisboa, para poder voltar ao Brasil por via marítima. Em 1941, Vinícius passou a trabalhar como crítico cinematográfico no jornal carioca "A Manhã" e, a conselho de Osvaldo Aranha, começou a se preparar para o Itamarati, para seguir a carreira diplomática, o que só conseguiu na segunda tentativa, em 1943. Nesse ano, publicou "Cinco elegias", que inicia uma nova fase em sua poesia.

Em 1942, ocorre um fato que contribuiu muito para a evolução de suas idéias políticas e também para um maior contato com a realidade brasileira. Ele conhece, numa reunião de intelectuais, o escritor americano Waldo Frank, de tendência socialista, que estava realizando uma viagem de estudos pela América Latina. A pedido do americano, Vinícius leva-o para conhecer a zona de prostituição no Mangue e uma nvia, que provocam um vivo interesse no escritor. Depois acompanha-o por uma viagem por todo o Brasil, que praticamente ambos descobrem juntos. Vinícius sempre diz que isso

marcou a sua "encarnação" na realidade, saindo de um universo mental em que predominavam as idéias abstratas.

Em 1946, ele parte para seu primeiro posto diplomático em Los Angeles, onde tem a oportunidade de desenvolver seu gosto pelo cinema, travando relações com Orson Welles, e pelo jazz, assistindo às exposições dos grandes nomes de então, como Louis Armstrong, Dizzy Gillespie e Billie Holiday. Datam também dessa época seus maiores contatos com outros poetas latino-americanos, como Pablo Neruda (que conhecera em 1945 na casa de Jorge Amado e vivia exilado no México) e Nicolás Guillén. Publica então seu quarto livro de poesias, "Poemas, sonetos e baladas".

Em 1950, com a morte do pai, volta ao Brasil, onde começa a trabalhar no jornal "Última Hora". Seu interesse sempre presente pela música popular se acentua e, como grande boêmio, ele é um frequentador assíduo da noite carioca onde conhece muitos dos futuros parceiros.

Em 1953, compõe seu primeiro samba, com Antônio Maria ("Quando tu passas por mim"). Parte depois para novo cargo diplomático em Paris.

Em 1954, sua peça "Orfeu da Conceição" é premiada e publicada em São Paulo. Em 1956, ela é encenada no Teatro Municipal do Rio, com bastante sucesso. Os cenários eram de Oscar Niemeyer e a música de Tom Jobim, marcando o início de uma longa e frutífera parceria entre Jobim e o poeta. Surge então o interesse de filmar a história por parte do produtor francês Sacha Golline, o que será realizado em 1959 por Marcel Camus.

Daí por diante, entre suas idas ao Exterior em cargos diplomáticos e suas voltas ao Brasil, Vinícius foi ficando cada vez mais ligado à música popular brasileira, como uma presença marcante na primeira e melhor fase da bossa nova, não só como letrista de Tom Jobim, Carlos Lyra e depois Baden Powell, mas também como compositor bissexto. Aquele que até então era mais conhecido como um poeta de livro, passa a ser mais conhecido como o grande poeta da música popular. Ele afirmou inúmeras vezes que não via a menor diferença entre essas duas formas de expressão.

Entre seus parceiros estão grandes nomes da MPB, como Pixinguinha ("Lamento", 1962), Cláudio Santoro, Ciro Monteiro, Vadico, Ari Barroso, Chico Buarque, Edu Lobo, Francis Hime. Mas sua mais vasta produção está associada aos nomes de Tom Jobim ("A felicidade", "Se todos fossem iguais a você", 1956; "Chega de saudade", "Estrada branca", "Eu não existo sem você", "Eu sei que vou te amar", 1958), Baden Powell ("Berimbau", "Samba da bênção", "Canto de Ossanha", 1966; "Consolação", "Formosa", "Samba em preldio", 1967), Carlos Lyra ("Maria Molta", 1958; "Primeira namorada", 1961; "Marcha da Quarta-Feira de Cinzas", 1962) e Toquinho ("Mais um adeus", "Tomara", 1971; "Pela Luz dos olhos teus", 1975). O último foi seu principal parceiro nos últimos dez anos em mais de 90 composições e seu companheiro em inúmeros "shows" apresentados em todas as partes do mundo e numa vintena de LPs gravados nesse período.

Em 1968, Vinícius de Moraes foi aposentado do serviço diplomático, após 25 anos de carreira, por pretensos motivos políticos. Como naquela ocasião uma alta autoridade do Itamarati o acusou de "vagabundagem", alegando que não ficava bem que um diplomata se apresentasse em espetáculos de música popular, ele sempre brincava colocando no lugar do item profissão a palavra "vagabundo", ofício ao qual tudo indica que se adaptou muito bem e que não era propriamente de um ocioso, tendo em vista a sua produção. Em 1969, suas obras poéticas foram reunidas num único volume, lançado pela Aguilar.

Nos últimos tempos, ele estava procurando acabar dois livros iniciados há muito tempo: "O dever e o haver" e "Roteiro lírico e sentimental da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, onde nasceu, vive em trânsito e morreu de amor o poeta Vinícius de Moraes", que se fossem editados surgiriam depois de um intervalo de mais de dez anos, já que seu último livro publicado fora "Para uma menina com uma flor", de 1966. Mas o mais vendido é certamente o "Livro de Sonetos", uma coletânea de 1957, que nunca perdeu seu favor junto do público. Vinícius foi também o autor de outras peças teatrais e de roteiros de filmes. Entre os projetos não concretizados, estava também um filme com base num roteiro seu, que deveria se intitular "Ópera do Nordeste" e seria realizado por seus filhos Susana e Pedro de Moraes, ligados ao cinema.

A poesia e a música de Vinícius são comentadas na última página.



Com Fernando Sabino, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos e Chico Buarque entre a literatura e a música.